



DO MONSTRO AO HERÓI: UMA BREVE CONSTRUÇÃO DIACRÔNICA DE PERSONAGENS TRANS NA LITERATURA ANGLÓFONA

FROM THE MONSTER TO THE HERO: A BRIEF DIACHRONIC
CONSTRUCTION OF TRANS CHARACTERS IN ANGLOPHONE
LITERATURE

Diana da Silva Rodrigues*

* dianadasrodrigues@gmail.com

Mestranda em Literaturas Estrangeiras Modernas, subárea Literaturas
de língua inglesa, pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

RESUMO: O seguinte trabalho visa fazer uma breve trajetória de narrativas anglófonas que abordam personagens Trans (travestis, transexuais, transgêneros) a fim de compreender de forma diacrônica a mudança de *status* desses personagens. Ao longo do tempo, as literaturas que teorizam as vivências e as necessidades da população Trans questionam a patologização desse grupo social nas mais diversas áreas. Através desse questionamento, esta pesquisa percorrerá algumas obras para verificar a evolução na construção de personagens que humaniza ou desumaniza toda uma categoria social marginalizada. Para tanto, se utilizarão as obras *Psycho*, de Robert Bloch (1959), *Silence of the Lambs*, de Thomas Harris (1988), e *Transcendent: The Year's Best Transgender Speculative Fiction*, de K. M. Szpara (2016), em conjunto com a HQ *Alters*, de Paul Jenkins and Leila Leiz (2016). Nota-se a diferença ganha nas relações de poder e de protagonismo entre essas personagens, de forma humanizada e despatologizada que avança de acordo com as discussões teóricas debatidas em território estadunidense.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Trans; Teoria Queer, Literatura LGBT.

ABSTRACT: The field of transgender studies has increased fast lately. With discussions about politics, work, health, beauty, among other things, the academic theorization about this topic brought to the hegemonic light one of the most marginalized groups in the USA. The most current and ferocious discussion is about the psychopathologization of transgendered people through history. Acknowledging the difficulties caused by the pathologization, this research seeks to explore the way transgender characters are built in fictional literature through the years according to the evolution of academic discourse in the United States, the humanization and the dehumanization of the characters and the fictional discourse that changes the status of a social group. As a corpus to reach this goal, we will analyze *Psycho*, by Robert Bloch (1959), *Silence of the Lambs*, by Thomas Harris (1988), *Transcendent: The Year's Best Transgender Speculative Fiction*, by K. M. Szpara (2016), and the HQ *Alters*, by Paul Jenkins and Leila Leiz. A humanized and centered characterization, in this case, shows the importance of art in society and how representation may help change the social view.

KEYWORDS: Trans literature; Queer theory; LGBTQI+ Literature

A imagem social de pessoas Trans muda de acordo com o tempo e o local nos quais essas pessoas estão inseridas. Berutti¹ nos aponta os *Hijras* na Índia, que são homens que cultuam a deusa Bahushara Mata e adotam o vestuário feminino e seus comportamentos, assim como os *two-spirit* dos nativos norte-americanos, que eram pessoas que possuíam os dois espíritos, podendo alternar entre o comportamento masculino/feminino. Stone² aborda como a população Trans foi tratada pela área da saúde ao longo do tempo. A autora cita em seu texto como essa área descreve pessoas Trans através de um trabalho feito pelo psicólogo Leslie Lothstein e escrito por Walters e Ross no livro *Transsexualism and Sex Reassignment* nas décadas de 1970 e 1980. O texto médico segue:

“[ele] concluiu que [transexuais como classe] eram indivíduos depressivos, isolados, retraídos, esquizofrênicos, com profundos conflitos de dependência. Além do mais, eles eram imaturos, narcisistas, egocêntricos e potencialmente explosivos, enquanto suas tentativas de obter [assistência profissional] eram exigentes, manipulativas, controladoras, coercivas e paranoicas.^{3 4}

É importante salientar que, apesar dos avanços no tratamento médico e nos direitos sociais no que refere à população Trans, a transexualidade, até o período

contemporâneo a esta pesquisa, é considerada um distúrbio mental pela Organização Mundial de Saúde, classificada pelo código F64 – Transtornos da identidade sexual – mesmo que algumas organizações psiquiátricas não tratem a transgenerização como patologia, tratando apenas das mudanças corporais. O tratamento de pessoas Trans como paranoicas e esquizofrênicas possui um reflexo tanto social quanto literário narrados de forma dissociativa entre as pessoas que são e as que refletem o esperado pela sociedade.

A sociedade não está completamente desligada da literatura (e vice-versa). Pensar a influência social na criação de personagens Trans pode levar a pesquisa para um lugar de incerteza, tendo em vista que não será possível afirmar com exatidão qual era o conhecimento do autor acerca do assunto tratado; entretanto, compreendo aqui a construção de uma literatura Trans da mesma forma que Conceição Evaristo compreende a literatura afro-brasileira:

Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico.⁵

1. BERUTTI. *Trangenders: Questionando os gêneros*, p. 76.
2. STONE. *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, p. 223
3. A fim de tornar a leitura do texto mais fluida, as traduções livres serão colocadas no corpo do texto com o original em nota de rodapé para consulta.
4. Walters e Ross, *apud* STONE. *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, p. 223. “[he] concluded that [transsexuals as a class] were depressed, isolated, withdrawn, schizoid individuals with profound dependency conflicts. Furthermore, they were immature, narcissistic, egocentric and potentially explosive, while their attempts to obtain [professional assistance] were demanding, manipulative, controlling, coercive, and paranoid”.

5. EVARISTO. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, p. 19.

A autora aponta para o modo de criar narrativas com personagens que pertencem a minorias sociais, em seu caso a intersecção gênero/raça, que possam cair em estereótipos que provavelmente não seriam cometidos por pessoas pertencentes a essa determinada classe com consciência (social e política disto), tendo em vista a subjetividade que passa por essa experiência:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.⁶

A ausência de tais experiências pode colocar a construção de determinados personagens na posição do Outro e colocar esse Outro na posição de monstro. É a partir daí que este texto se propõe a discutir como a construção de

personagens Trans é feita fora da comunidade que compreende, em amplo sentido, essa experiência.

A fim de compreender como o Outro se torna um monstro, vejamos, a princípio, o apontamento feito por Jeffrey Jerome Cohen em seu texto “A cultura dos monstros: sete teses”:

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.⁷

A criação de um monstro, portanto, tende a seguir a ideia que um (geralmente o criador) tem do Outro, ou seja, a partir desse pensamento, é necessário que se tenha a visão de Próspero para transformar Caliban⁸ em monstro. Para criar um monstro, sob essa perspectiva, é necessário que se compreendam todas as criações monstruosas ficcionais (vampiros, lobisomens, *serial killers*⁹) como exacerbações de um ser real enxergado como o Outro, logo, como aquilo que não condiz com as expectativas sociais, culturais e políticas de quem narra.

6. EVARISTO. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, p. 18.

7. COHEN. *A cultura dos monstros: sete teses*, p. 32.

8. Próspero e Caliban são personagens que atuam respectivamente como colonizador e colonizado em *A tempestade* de Shakespeare (2002).

9. Apesar de *serial killers* serem não apenas ficcionais, a construção de sua imagem, ficcional ou não, passa por um processo semelhante. Caso queira aprofundar mais do que essa pesquisa, aconselho a leitura da obra *Natural Born Celebrities* de David Schmid.

Foucault previamente entendia que “o que define monstro é o fato de que sua existência e forma viola não apenas as leis da sociedade, mas também as leis da natureza”.¹⁰ É através desse entendimento de Foucault que se vê o monstro como alguém que “não é humano”, mesmo que seja, na tentativa de: 1) dizer que um ser humano não cometeria algo que o dito monstro comete; 2) evitar que determinadas pessoas que quebrem a lei sejam compreendidas da mesma forma que o monstro é, ou seja, o *serial killer* é um monstro, o político corrupto, não. Acerca dessa segunda visão, é importante salientar que essa percepção pode ser completamente subjetiva, caindo à pessoa que vê enxergar o Outro como um monstro ou não, visto que a monstruosidade aqui é aplicada a seres humanos ao lhes tirar a humanidade, conforme se verá posteriormente. Consequentemente, o exemplo dado pode seguir o caminho oposto. Desse modo, historicamente é perceptível a desumanização de determinadas classes a fim de colocá-las fora de qualquer lei natural ou social, seja na imagem do negro animalizado que não tem alma, da homossexualidade que “não é normal” ou qualquer outro discurso que tire do plano natural o que pretende colocar no plano do monstro.

Um exemplo de como essa prática de retirar a naturalidade até do que é feito pela natureza para colocá-lo no plano do monstro é dado pelo próprio Foucault:

Nós encontramos isso no discurso de Riolan, que diz que o hermafrodita é um monstro porque ele/ela é contra a ordem e a regra regular da natureza que dividiu a humanidade em dois: homem e mulher. Portanto, se alguém tem ambos os sexos, então ele/ela deve ser visto como um monstro. Porém, já que o(a) hermafrodita é um monstro, o motivo de examinar, segundo Riolan, será para determinar que roupa ele/ela deve usar (se deve) e com quem ele/ela pode casar.¹¹

Observe-se, pois, que se o ser intersexo¹² (entendido no texto de Foucault como hermafrodita) adquire biologicamente o sexo masculino e feminino de forma natural, as possibilidades de ser tratado como não natural dependerão da condição social de ser posto no lugar do Outro, sendo a mesma visão posta sobre os corpos Trans que questionam o gênero no âmbito social e passam pelas mesmas regulações de roupa e relação, pela mesma patologização como visto previamente em Stone. Ou seja, para que algo seja posto no lugar do Outro, até o que é feito pela natureza passa por não natural.

Ao se observar essa desnaturalização com figuras visualmente monstruosas, é possível compreender a monstruosidade na descrição do ser, no momento em que as características não-humanas aparecem, como o formato do corpo de um lobisomem ou o tamanho e a forma de “montagem” da

10. FOUCAULT. *Abnormal: lectures at the College de France 1974-1975*, p. 56-57. “what defines the monster is the fact that its existence and form is not only a violation of the laws of society but also a violation of the laws of nature.”

11. FOUCAULT, *Abnormal: lectures at the College de France 1974-1975*, p. 71. “We find this in Riolan’s discourse where he says that the hermaphrodite is a monster because he/she is counter to the order and general rule of nature that has divided humankind into two: male and female. Thus, if someone has both sexes, then he/she must be regarded as a monster. However, since the hermaphrodite is a monster, the reason for performing an examination, according to Riolan, will be to determine what clothes he/she must wear and whether, and to whom, he/she can be married”.

12. É importante salientar que os processos de ser Trans e de ser intersexo não são os mesmos, porém é um assunto aqui abordado por ser o exemplo dado por Foucault. Caso queira ler mais sobre isso, recomendo o *site* da Comunidade Intersexo da América do Norte: <<http://www.isna.org/>>.

criatura de Frankenstein. Quando se parte para o âmbito de seres que não tenham a aparência discrepante do que se espera de um ser humano, a desnaturalização se dá de outra forma. Simpson¹³ aponta a associação das narrativas com os mitos folclóricos e o *serial killer*, que dá à sociedade meios de projetar seus medos de monstros antigos em pessoas reais, tratando os humanos como se fossem demônios ou como se estivessem possuídos por tal. Essa demonização é o que vai fazer com que o ser-humano esteja quebrando as leis da natureza, como previamente citado por Foucault.

Na literatura, essa criação ocorre da mesma forma. A primeira obra aqui abordada é *Psycho*, de Robert Bloch, que tem no seu *serial killer* a figura de Norman Bates, um homem de meia idade que divide a sua personalidade com a personalidade de sua mãe, se vestindo como ela para atacar suas vítimas. Apesar de a personagem possuir mais de uma personalidade, parecendo possuir o que se entende por Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), a obra diagnostica a personagem como “*transvestite*”, que é a equivalente ao atualmente conhecido como *crossdresser*, ou seja, pessoa de um gênero que se veste como sendo de outro:

Ele e a mãe eram muito próximos, claro, e aparentemente ela o dominava. Se tinha algo a mais na relação deles, Dr. Steiner não sabe. Porém, ele suspeita que Norman era uma travesti*

secreta tempos antes da Sr.^a Bates morrer. Você sabe o que uma travesti é, não?¹⁴

A personagem com quem Sam, locutor da citação acima, fala responde que é uma pessoa que se veste como alguém do “sexo oposto”, entretanto, Sam responde com o seguinte parecer:

Bem, da forma como Steiner explicou, é bem mais que isso. Travestis não são necessariamente homossexuais, mas se identificam fortemente com membros do sexo oposto. De certa forma, Norman queria ser como sua mãe e, de certa forma, ele queria que a mãe dele se tornasse uma parte sua.¹⁵

Nota-se que a narrativa compreende a diferença entre gênero e sexualidade, ainda confundida em algumas pesquisas de diversos meios; entretanto, não difere a identidade, tendo em vista que uma pessoa Trans geralmente possui apenas uma personalidade, enquanto a múltipla personalidade é a característica principal da TDI;¹⁶ tampouco compreende que Bates não se entende como mulher, mas como sua mãe em específico. Essa construção não se dá à toa. Retomando as ideias de Foucault e de Cohen, é importante que exista uma patologização e uma distância do que se considera um ser social regular para a construção de um monstro, tendo em vista que, conforme previamente citado,

13. SIMPSON, Philip L. *Psycho paths: tracking the serial killer through contemporary American film and fiction*, p. 3.

14. BLOCH. *Psycho*, p. 93. “He and his mother were very close, of course, and apparently she dominated him. Whether there was ever anything more to their relationship, Dr. Steiner doesn’t know. But he does suspect that Norman was a secret transvestite long before Mrs. Bates died. You know what a transvestite is, don’t you?” * A utilização da palavra travesti foi feita por ser a tradução literal, mesmo que sua carga semântica e cultural seja diferente no Brasil para o que é nos EUA.

15. BLOCH. *Psycho*, p. 93. “Well, the way Steiner explained it, there’s a lot more to it than that. Transvestites aren’t necessarily homosexual, but they identify themselves strongly with members of the other sex. In a way, Norman wanted to be like his mother, and in a way he wanted his mother to become a part of himself”.

16. Para mais informações, acesse o texto da Associação Brasileira da Psiquiatria disponível em: <http://www.abp.org.br/rdp15/02/rdp_02_06.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.

um “cidadão exemplar” não poderia cometer os homicídios que Bates cometeu.

Joel Lane, em seu ensaio publicado no livro *The man who collected psychos: critical essays on Robert Bloch*, faz uma trajetória sobre as narrativas escritas por Bloch ao longo de sua vida. Lane afirma que

as obras de Bloch retratam a família como um micro-organismo da sociedade — coerciva, abusiva e controladora — e o indivíduo como um micro-organismo da família. [...] Essa ideia de ‘natureza humana’ como algo dividido e instável é o que dá à sua ficção de horror uma margem nervosa e sua ressonância.¹⁷

Conforme visto em linhas anteriores, é justamente nessa ideia de horror que a interpretação de Lane casa com a de Foucault, visto que é a partir de uma retratação instável e dividida da natureza humana que põe a própria em um estado de desnatureza humana ou de natureza desumana. É aí que reside a monstruosidade; pois, se todo ser humano for instável e dividido, se essas características forem realmente intrínsecas do ser humano, não haveria separação alguma entre o humano e o monstruoso, logo, não haveria horror. É necessário que o receptor da mensagem (leitor ou telespectador) não acredite nessas características

como intrínsecas para que haja o efeito do horror e não do conformismo.

Lane ainda aponta uma característica importante nas obras de Bloch: o tratamento com identidades marginalizadas. Ao falar sobre *Mother of serpents*, obra de Bloch escrita em 1936 em que o filho haitiano mata a mãe por se incomodar com suas práticas de vodu, Lane aponta que “o racismo casual nessa história não é uma característica do trabalho maduro de Bloch”.¹⁸ Apontar uma mulher negra, praticante de vodu como algo pejorativo, diferente do que Lane diz, não é uma prática isolada nas obras de Bloch. Como o próprio Lane aponta posteriormente ao falar sobre obras em que o *serial killer* tem medo de judeus e por isso vira nazista, mulheres assassinas como bêbadas e apostadoras, e o próprio Bates como praticante de ocultismo, as obras de Bloch misturam os medos da sociedade, a família e religiões alternativas.

Não se intenciona, com o parágrafo acima, aplicar qualquer juízo de valor acerca da personalidade de Bloch, apenas virar um olhar sobre suas obras. Martins explica, em sua tese sobre figuras *queer* nos filmes de horror, que essas narrativas precisam mostrar alguma quebra da ordem vigente¹⁹ para gerar o efeito de horror e que isso acaba gerando estereótipos que perpetuam um conceito negativo sobre uma classe social, visto que este pode ser o único

17. LANE. *Hell Is Other People: Robert Bloch and the Pathologies of the Family*. p. 170. “Bloch’s fiction portrays the family as a microcosm of society — coercive, abusive and controlling — and the individual as a microcosm of the family. Conflict and ambivalence run deeply through his perception of the human condition. This sense of ‘human nature’ as something divided and unstable is what gives his horror fiction its nervous edge and resonance. His work dramatizes the breakdown of the key personal roles that define our lives: child, lover and parent”.

18. LANE. *Hell Is Other People: Robert Bloch and the Pathologies of the Family*. p. 173. “The casual racism of this story is not characteristic of Bloch’s mature work”.

19. MARTINS, David Klein. *From Monsters to Monsters: Perverted Predators and Diseased Deviants – Queer Representations in American Slasher Film of the 1980s*, p. 11.

20. MARTINS, David Klein. *From Monsters to Monsters: Perverted Predators and Diseased Deviants – Queer Representations in American Slasher Film of the 1980s*, p. 19.

contato que as classes hegemônicas da sociedade têm com as classes marginalizadas.²⁰ Portanto, é de fácil elaboração a construção do horror com classes minoritárias, uma vez que essas classes por si já quebram as expectativas de raça, gênero ou sexualidade das classes hegemônicas e, assim, é apenas utilizar um medo existente e elevar o grau de estereótipos para gerar um efeito de horror em pessoas que zelam por um padrão social.

É importante salientar que a obra supracitada foi publicada nove anos antes da revolução de Stonewall, que ocorreu em 28 de junho de 1969 em Nova York e foi o estopim não apenas do movimento social pelas lutas da população LGBT, mas como o início da publicação acadêmica na qual essa parcela da população estadunidense vocaliza as suas demandas e teorias. Portanto, entende-se que seja necessário conhecer a comunidade para que a colocação dessa classe no papel do Outro não seja estereotipada, como foi, ou, ainda, mesmo que esse conhecimento exista, é possível que a estereotipação seja proposital para que essa comunidade se encaixe no papel do monstro. Em ambos os casos, existirá uma hipérbole das características dessas classes a fim de exagerar o medo pré-existente na sociedade.

Seguindo vias similares, é possível verificar o mesmo papel na caracterização do *serial killer* secundário da obra *Silence of the Lambs*, de Thomas Harris, visto que a obra faz

parte de uma tetralogia [*Red Dragon* (1981); *The Silence of the Lambs* (1988); *Hannibal* (1999) e *Hannibal Rising* (2006)] que tem como *serial killer* protagonista o dr. Hannibal Lecter. A obra, escrita no fim da década de 1980, período pós-Stonewall, encontra seu *serial killer* secundário em Buffalo Bill (BB) e o trata como um representante da quebra de gênero, mas, diferentemente de *Psycho*, a narrativa tem o cuidado de desvincular essa imagem da imagem de pessoas Trans.

[...] nós estamos falando sobre transexuais. Você disse que violência e comportamento destrutivo não são estatísticas relacionadas ao transexualismo. Verdade. Você se lembra o que dissemos sobre raiva expressa como luxúria e lúpus se apresentando como urticária? Billy não é transexual, Clarice, mas ele pensa que é, ele tenta ser. Ele tem tentado ser muitas coisas, eu creio.²¹

Na obra, Buffalo Bill acredita ser transexual, mas não é tido como tal e isso desencadeia sua tendência a matar, visto que depois de receber a recusa de uma clínica que trata pessoas Trans, BB começa a arrancar o couro de suas vítimas para fazer uma roupa para si.

A obra ainda faz duas elucidções importantes na tentativa de desassociar a imagem de BB da transexualidade. As duas elucidções ocorrem quando um dos policiais

21. HARRIS. *Silence of the lambs*, p. 102. “[...] We were talking about transsexuals. You said violence and destructive aberrant behavior are not statistical correlatives of transsexualism. True. Do you remember what we said about anger expressed as lust, and lupus presenting as hives? Billy’s not a transsexual, Clarice, but he thinks he is, he tries to be. He’s tried to be a lot of things, I expect.”

envolvidos no caso vai até uma clínica de assistência a transexuais para recolher as fichas de pacientes rejeitados a fim de encontrar seu suspeito. A primeira é encontrada na fala do médico que tenta defender a imagem da clínica:

– Apenas mencionar Buffalo Bill ao mesmo tempo que os problemas tratados aqui é ignorante, injusto e perigoso, Sr. Crawford. Isso faz eu me arrepiar. Estamos há anos – e ainda não conseguimos – mostrando ao público que transexuais não são loucos, não são pervertidos, não são esquisitos, ou qualquer coisa do tipo...

– Eu concordo com você.

– Espere. A incidência de violência entre transexuais é muito menor que na população em geral. Essas são pessoas decentes com um problema real... Um problema notoriamente intransigente. Eles merecem ajuda e nós podemos dar essa ajuda. Eu não terei uma caça às bruxas aqui. Nós nunca violamos a confiança de pacientes e nunca iremos. É melhor começar daí, Sr. Crawford.²²

É possível compreender a patologização da população Trans através da fala acima. As questões previamente levantadas sobre o tratamento de pessoas Trans como doentes, anormais, acabam transformando o discurso sobre essa população em possuidores de corpos abjetos, ou seja, corpos que ainda não podem ser sujeitos, não deveriam

existir. A recusa do personagem, que é um médico, em ajudar o policial, está justamente no plano da luta contra a imagem que foi construída acerca da população Trans a fim de transformar esses corpos em corpos que importam.

A segunda questão importante levantada é sobre as cirurgias pelas quais a população Trans passa. Quando o médico decide que não o ajudará, o policial expressa a seguinte ameaça:

E se a senadora Martin, depois do funeral de sua filha, perguntar a seus colegas de trabalho a seguinte questão: ‘Deveria a cirurgia de mudança de sexo que o doutor aplica aqui ser considerada uma cirurgia cosmética?’. Talvez eles cecem a cabeça e decidam: ‘Quer saber, a Senadora Martin está certa. Sim, nós acreditamos que isso é uma cirurgia cosmética’. Então seu programa não qualificará para a assistência federal mais que uma clínica de rinoplastia.²³

Apesar de ser dita em um tom ameaçador, a fala esclarece que a Cirurgia de Redesignação Genital (entendida na obra como mudança de sexo) não é uma cirurgia estética, pois a transexualidade não trata apenas de uma condição de beleza, mas de uma condição de saúde, entrando no mesmo tipo de tratamento que a retirada do apêndice ou uma cirurgia cardiovascular. Em suma, a obra, apesar de cogitar

22. HARRIS. *Silence of the lambs*, p. 111. “To even mention Buffalo Bill in the same breath with the problems we treat here is ignorant and unfair and dangerous, Mr. Crawford. It makes my hair stand on end. It’s taken years, we’re not through yet, showing the public that transsexuals aren’t crazy, they aren’t perverts, they aren’t queers, whatever that is”

“I agree with you”

“Hold on. The incidence of violence among transsexuals is a lot lower than in the general population. These are decent people with a real problem, a famously intransigent problem. They deserve help and we can give it. I’m not having a witch hunt here. We’ve never violated a patient’s confidence, and we never will. Better start from there, Mr. Crawford”

23. HARRIS. *Silence of the lambs*, p. 113. “What if Senator Martin, sometime after her daughter’s funeral, asked the fellows over at Eligibility this question: Should the sex-change operations you perform here be considered cosmetic surgery? Maybe they’ll scratch their heads and decide, ‘Why, you know, Senator Martin’s right. Yes. We think it’s cosmetic surgery,’ then this program won’t qualify for federal assistance any more than a nose-job clinic”.

a possibilidade de uma personagem transexual como *serial killer*, desassocia as duas imagens e coloca a personalidade Trans em um lugar humanizador que explica a sua situação e elucida questões que podem ser desconhecidas para o público-alvo da obra.

As críticas feitas à tetralogia de Harris na qual o dr. Hannibal aparece, assim como algumas críticas feitas a *Psycho*, apontam a similaridade que as narrativas de *serial killer* têm com relação às narrativas folclóricas e aos contos de fadas. Schechter, em seu artigo publicado em 1994, chega a recontar a história de *Silence of the lambs* como se fosse um conto de fadas.²⁴ Essa semelhança se dá na utilização de arquétipos ficcionais para abordar temas que amedrontam a sociedade não-ficcional, pois da mesma forma que os contos de fadas, as fábulas e os contos folclóricos possuem uma “moral da história” a fim de ensinar algo a seus ouvintes, geralmente crianças, as narrativas de *serial killer* terão uma mensagem moralizante para os adultos daquela sociedade afligida por alguma quebra de padrão a fim de que se conserve a ordem vigente.

De acordo com Schechter, Buffalo Bill representa uma metáfora ao grande crescimento de cirurgias plásticas tão recentes à época. Ter um personagem que é tão ligado à sua estética ao ponto de arrancar a pele de pessoas vivas para usar em si como uma roupa, para o autor, demonstra a

mesma obsessão por alcançar um padrão de beleza que as pessoas plastificadas têm, com a diferença apenas no meio de se conseguir. Essa busca pelo padrão contrasta com a investigadora protagonista, Clarice Starling, que não se importa com os aparatos de beleza, querendo apenas ser reconhecida pelo seu intelecto.²⁵

Buffalo Bill e Norman Bates combinam em uma construção pejorativa de uma classe já marginalizada na sociedade. Essa diminuição da classe está não apenas por ser um *serial killer* a única ideia que se tem da comunidade Trans, mas por estar em conjunto com a patologização da mesma. Lüthi aponta para como a imagem das pessoas Trans são associadas à loucura a fim de mostrar essas pessoas como neuróticas, loucas, temíveis e anormais.²⁶ A crítica vai concordar com a tese de Stone previamente citada acerca da patologização das pessoas Trans, com o diferencial da aplicação para narrativas de filmes. Lüthi ainda aponta o peso que essas construções tiveram no imaginário social, uma vez que a leitura dessas imagens entra na memória coletiva como referência histórica da sociedade e, assim, acaba por colocar as pessoas Trans no lugar do Outro, já que é o mesmo lugar ocupado por suas representações ficcionais.

Na contemporaneidade, devido ao avanço de discussões sobre identidades de gênero no âmbito mundial, visto, por exemplo, que a comissão de direitos humanos de Nova

24. SCHECHTER. *Skin deep: Folk tales, face lifts, and the silence of the lambs*, p. 21.

25. SCHECHTER. *Skin deep: Folk tales, face lifts, and the silence of the lambs*, p. 26.

26. LÜTHI. *Relocating Mad_Trans Re_presentations Within an Intersectional Framework*, p. 132.

27. A informação pode ser acessada no *site* do governo de Nova Iorque com o link: <https://www1.nyc.gov/assets/cchr/downloads/pdf/publications/GenderID_Card2015.pdf>. Acesso em: 14 de novembro de 2017.

28. A matéria da ONU e a cartilha podem ser encontrados em <<https://nacoesunidas.org/voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero/>>. Acesso em 14 de novembro de 2017.

Iorque reconheceu em 2016 trinta e um gêneros diferentes²⁷ e campanhas da Organização das Nações Unidas (ONU) lançaram em 2017 uma cartilha explicando identidades de gênero e ‘o que é ser transgênero’,²⁸ a construção de personagens Trans em posição de poder tem se tornado uma realidade mais recorrente.

A culminância desses debates, em contraste com as abordagens nas obras anteriores, pode ser refletida na publicação da obra *Transcendent: The Year's Best Transgender Speculative Fiction* (2016), organizada por K. M. Szpara, uma antologia que reúne dezesseis contos escritos por pessoas Trans e que contam o que é ser Trans ou que apenas envolvem a temática com seus personagens. A antologia, que ganhou uma sequência editada por Bogi Takacs em 2017, contém diversas formas de manifestação de corporalidades e de construção da identidade Trans, como *female-to-male* (FTM), *male-to-female* (MTF), *two spirits* e não-binário, entre outras manifestações específicas.

Segundo Szpara, a antologia é importante por representar parte da população que apenas se via através das lentes de pessoas cisgênero (não Trans). Com o intuito de manter a fidelidade aos sentimentos expressos pelo editor ao organizar o livro, sua fala introdutória será reproduzida:

Nós ainda enxergamos através de uma lente que pessoas cisgênero nunca entenderão. [...]

Eu experimentei uma maravilhosa sensação lendo as submissões: a de que em cada história que eu lia havia uma personagem ou o tema transgênero. Nós raramente nos vemos manifestados na ficção especulativa e, quando vemos, é quase sempre na apropriação de autores cisgêneros. Eu larguei muitos livros por causa da frustração pela falta de personagens queer, mas isso não aconteceu com *Transcendent*. Enquanto lia cada história, eu experimentava o deleite de ver a mim ou minha experiência refletida através da ficção especulativa. Eu espero que, se você for trans e ler isso, você sinta o mesmo. Veja você, veja seus amigos, veja sua comunidade e sua família improvisada. Essas histórias nos imortalizam. Espero que gostem delas.²⁹

O organizador do livro expressa, na sua fala introdutória, o ponto de vista previamente apresentado que se assemelha à ideia que Conceição Evaristo tem da literatura afro-brasileira. É de suma importância que os debates acerca da construção de personagens Trans avancem ao ponto de que esta população não seja mais colocada apenas como o Outro, assim como também é importante que seja dada a devida atenção às produções de pessoas Trans enquanto sujeitos de sua própria construção identitária. Com isso, este artigo não pretende afirmar que 1) somente

29. SZPARA. *Transcendent: The Year's Best Transgender Speculative Fiction*, p. 6. “[...] We still see through a lens that cisgender people can never understand; [...] I experienced a wonderful sensation while reading submissions: that every story I read would have a transgender character or theme in it. We rarely see ourselves manifested in speculative fiction, and when we do it is all too often in an appropriative manner by cisgender authors. I've put down many books because of a frustrating lack of queer characters. But that didn't happen with *Transcendent*. As I read every story, I experienced the delight of seeing myself or my experience reflected through speculative fiction.

I hope that if you are trans and reading this, that you experience the same. See yourself, see your friends. See your community and your makeshift family. These stories immortalize us; I hope you enjoy them”.

peças Trans consigam construir positivamente personagens Trans; 2) que personagens Trans não possam assumir papel de vilania nas narrativas de forma geral. Entretanto, a importância de uma construção narrativa dando papéis de protagonismo e heroísmo, assim como o entendimento de pessoas Trans como produtores de conhecimento e de arte faz-se urgente para que se compreenda essa população no lugar do Eu e não só como Outro, assim como se utilize a literatura para se debater o papel da cisgeneridade como ‘normal e hegemônico’, e a “brutalidade e o cinismo cissexista”.³⁰

Esses personagens e narrativas que tanto alegraram Szpara são entendidos neste artigo como heróis a partir da ideia de protagonismo que contrasta a imagem de monstro até então construída. Para Campbell, o herói é o ser que traz para o seu lugar uma transformação, traz algo novo, é a pessoa que “conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”.³¹ As limitações históricas e pessoais, aqui, se aplicam à marginalidade na qual a população Trans foi inserida tanto no âmbito social como no âmbito literário e conseguir sair de um lugar de objeto para um lugar de produção intelectual, artística e cultural é o que põe essas narrativas e esses personagens em posição heroica. A transformação de narrativas sobre a população Trans não

apenas deve acompanhar a evolução dos debates de gênero, mas também deve ajudar a moldar esses debates a fim de reconstruir a história pela perspectiva de Caliban e não mais ocupar o lugar de Outro com relação a Próspero.

A fim de dar um toque mais “super” à ideia de herói aqui abordada, se utilizará a construção da série de HQ chamada *Alters*, escrita por Paul Jenkins e desenhada por Leila Leiz. A HQ trata de heróis mutantes com superpoderes variados conhecidos como *Alters* que se escondem por terem medo de um *Alter* chamado Matter Man, conhecido como o mais poderoso dentre eles por começar a caçar mutantes para seu time, causando acidentes e acabando com a aceitação pública dos mutantes em geral. Funcionando como a introdução da série que até o presente período deste artigo conta com oito revistas, a edição #1 da série, que será analisada aqui, tenta mostrar os vários ambientes em que a personagem protagonista passa: sua casa, uma cafeteria, o centro da cidade, o centro de encontro dos *Alters* e os possíveis lugares onde possa estar o Matter Man. Algo importante de notificar é que a área artística da obra parece bastante preocupada com a diversidade, notável na multiplicidade de etnias, gêneros, formação de corpos (seja gordo, magro, alto, baixo ou possuidor de alguma deficiência), geração e outras formações marginalizadas socialmente.

30. VERGUEIRO. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*, p. 48.

31. CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 10-11.

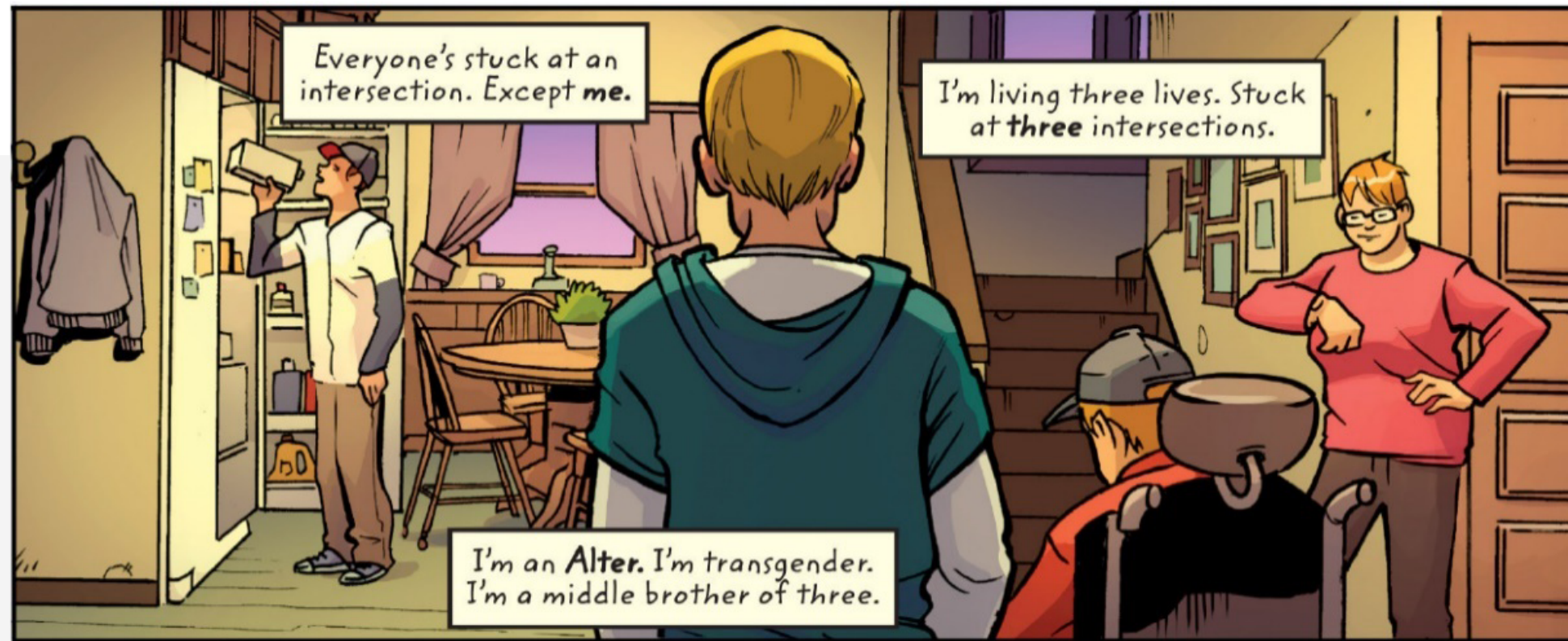


FIGURA 1

Chalisse /Charles em Alters

JENKINS; LEIZ. *Alters* #1, p. 13. "Todos estão presos em uma intersecção, exceto eu. Eu estou vivendo três vidas. Estou presa em três intersecções. Eu sou uma Alter, sou transgênero e sou o irmão do meio de três".

Chalisse é conhecida em casa como Charles, o filho do meio de três, que pertence a uma família conservadora e está descobrindo a sua transgenerização. Chalisse vai narrando ao longo da história, conforme se pode ver no quadro acima, como é ser Trans, como é ser uma *Alter* e como é pertencer a uma família tentando conciliar todas essas identidades. Em suma, Chalisse é um bom ponto de chegada no trânsito que fizemos entre personagens Trans que partiram da monstruosidade e do lugar do Outro para uma narradora-protagonista super-heroína.

Tanto a obra *Alters* quanto a obra *Transcendent: The Year's Best Transgender Speculative Fiction* possuem um papel fundamental para compreendermos o que o título deste artigo chama de literatura Trans. Ambas as obras exercem o papel

do que Coutinho chama de questionamento ao cânone, visto que esse questionamento põe "em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante".³² A obra de Bloch e a obra de Harris aqui analisadas são consideradas cânones não apenas no âmbito da literatura de *serial killer*, mas também as suas adaptações cinematográficas são bastante importantes para o campo de estudo. Mesmo sem citá-las, as outras duas obras aqui vistas questionam o modelo de representar pessoas Trans que foi fossilizado no cânone literário até os estudos culturais darem voz a essa classe que já lutava por seus direitos civis, mesmo sem ter uma representação positiva nas mídias artísticas.

32. COUTINHO. *Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*, p. 70.

Uma questão importante a ser levantada sobre este artigo é acerca da teoria *queer*. Ao utilizar ao longo do texto teorias e expressões que remetem à especificidade Trans, não se intenciona diminuir ou desvalorizar a importância da teoria guarda-chuva conhecida como *queer*. Assim, ao se relacionar com toda a população LGBTQIAP+, a teoria *queer* precisa abordar todas as suas necessidades, falando de sexo, corpo, gênero, sexualidade, entre outras especificidades, e não é o intuito desta pesquisa focar em questões de populações que não sejam Trans, ou seja, para falar de sexualidade (LGBAP), formação de corpo, entre outras questões da teoria *queer*, isso precisa estar diretamente relacionado a alguma questão Trans. Em tempo, este não é um artigo sobre sexualidade, logo, questões como heterossexualidade x homossexualidade, homoafetividade, homoeotismo não são o foco deste artigo, tratando ela apenas da identidade de gênero e trazendo outras questões caso necessário.

A elucidação é necessária para que haja uma compreensão de que identidade de gênero e identidade sexual são identidades diferentes. Justamente por muitas pesquisas não compreenderem essa diferença é que se cria o imaginário social de que uma mulher Trans é apenas um homem gay de vestido. Logo, este texto, assim como parte da produção cultural sobre pessoas Trans na contemporaneidade, busca

deixar clara a linha que separa as classes, visto que, assim como nas relações étnico-raciais não se pode dizer que ser branco, ser negro e ser indígena acarretam no mesmo lugar, nas relações *queer* ser homossexual e ser transexual não culminarão no mesmo ponto.

Considerando as prévias discussões, acredita-se que a representação positiva da população Trans deva ocorrer nos mais diversos meios sociais, políticos, artísticos e que essa população consiga se fortalecer a fim de ocupar diversos cargos de poder tanto na sociedade de forma geral quanto na construção de personagens fictícios. Este texto carrega em si não apenas o cunho político da pesquisa de estudos culturais que é “assumido conscientemente, como inclusive enfatizado, e [dele] surge uma necessidade imperativa de revisão dos cânones literários”,³³ como também é o fio condutor de uma esperança de que uma análise literária que encontre modelos pejorativos de grupos sociais não seja mais uma ação necessária com as narrativas futuras. Por fim, é importante que o modelo de representação de identidades sociais não apenas faça a revisão dos cânones, mas que se questione o que é um cânone para compreender o motivo de determinadas obras artísticas e de determinadas representações serem tidas como universais enquanto outras são tidas como específicas.³⁴

33. COUTINHO. *Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*, p. 70 (alteração entre colchetes feita por mim a fim de manter a coesão do texto).

34. COUTINHO. *Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*, p. 70.

REFERÊNCIAS

BERUTTI, Eliane Borges. "Trangenders: questionando os gêneros". In: BERUTTI, Eliane Borges. **Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BLOCH, Robert. **Psycho**. New York: Crest, 1960.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Cultrix, 1995.

COHEN, Jeffrey Jerome. "A cultura dos monstros: sete teses". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COUTINHO, Eduardo F. "Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone". **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 67-74, ago. 1996.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Abnormal: lectures at the College de France 1974-1975**. Tradução de Graham Burchell. Londres: Verso, 2003.

HARRIS, Thomas. **Silence of the lambs**. New York: Arrow Books, 2010.

JENKINS, Paul (texto). LEIZ, Leila (arte). **Alters #1**. Los Angeles: Aftershock Comics, 2016.

LANE, Joel. "Hell Is Other People: Robert Bloch and the Pathologies of the Family". In: SZUMSKYJ, Benjamin (Org). **The man who collected psychos: critical essays on Robert Bloch**. North Carolina: McFarland & Company, 2009.

LÜTHI, Eliah H.. "Relocating Mad_Trans re_presentations within an intersectional framework". **Intersectionalities: Global Journal of Social Work Analysis, Research, Polity, and Practice**, Newfoundland, v. 5, n. 3, p. 130-150, 2016. Disponível em: <<http://journals.library.mun.ca/ojs/index.php/IJ/article/view/1603>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MARTINS, David Klein. **From Monsters to Monsters: Perverted Predators and Diseased Deviants – Queer Representations in American Slasher Film of the 1980s**. 2016. 170 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

SCHECHTER, Harold. "Skin deep: Folk tales, face lifts, and the silence of the lambs". **Literature Interpretation Theory**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 19-27, jun. 1994.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SIMPSON, Philip L. **Psycho paths: tracking the serial killer through contemporary American film and fiction**. Illinois: Southern Illinois University, 2000.

STONE, Sandy. "The empire strikes back: a posttranssexual manifesto". In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Org). **The transgender studies reader**. New York: Routledge, 2006.

SZPARA, K. M (Org). **Transcendent**: The year's best transgender speculative fiction. Baltimore: Lethe press, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

Submetido: 05/04/2018

Aceito: 07/05/2018